

Recessão já atinge o comércio de Brasília

OF

* 9 SET 1995

A recessão já chegou ao Distrito Federal, na avaliação do presidente da Federação do Comércio Sérgio Koffs. A seu ver, o preço da estabilidade econômica do Plano Real é a total falta de crédito, os juros altos, a inadimplência e a queda das vendas. O problema se agrava mais na cidade, porque a economia é predominantemente nos setores de comércio e serviços.

Desde a criação do real, o comércio brasiliense já viu sair das máquinas registradoras 20% de seu faturamento, principalmente no comércio de alimentação. Os cálculos são do presidente da Associação de Supermercados, Wilson Lima, segundo o qual muitos estabelecimentos fecharam suas portas. "Quem resistiu, só está sobrevivendo. Fomos engolidos pela recessão", afirma Lima.

Segundo Lima, até mesmo empresas tradicionais estão se vendo obrigadas a comprometer seu patrimônio para continuarem operando. Ele compara o mercado, atualmente, a um avião que precisa de velocidade para continuar voando: "Estamos próximos a viver a mesma situação do empresário paulista, que está vendendo seu patrimônio como um camelo para tentar salvar a empresa".

Aluguéis — E são os pequenos comerciantes os que mais estão sendo atingidos pela crise. Segundo o presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Carnes, Gêneros

Alimentícios, Frutas, Verduras e Plantas, Joaquim Pereira Borges, enquanto as vendas estão "despencando", os pequenos açougues e mercearias, por exemplo, continuam arcando com custos elevados dos aluguéis.

A crise nesse setor está mais grave no Plano Piloto, alerta Borges, onde os aluguéis são mais altos. Embora não disponha de números que sustentem suas afirmações, Borges garante que "a quebra de vendas" está aumentando. Ele, porém, exime o Plano Real de culpa. Mas acha que a economia deveria ser estabilizada como um todo, sem deixar brechas que aumentem os custos, como os aluguéis.

Juros — Já o presidente do Sindicato varejista, Lázaro Marques, atribui à política de juros altos, com a retirada de dinheiro de circulação, o desaquecimento da economia, que derruba as vendas mês a mês. "Estamos sentindo a crise mais do que em outras cidades porque aqui o cheque especial sempre serviu como um complemento salarial. Com os juros altos, tudo indica que este será o pior ano do comércio de Brasília", reclama.

O retorno do leasing e do crédito direto para compra de veículos não entusiasma o presidente do Sindicato do Comércio de Carros e Peças, Oscar Perné do Carmo, para quem as vendas continuam fracas. Segundo ele, mais de 50 revendas de carros usados fecharam suas portas.

JORNAL DE BRASÍLIA

Recessão já atinge o comércio de Brasília

OF

* 9 SET 1995

JORNAL DE BRASÍLIA

A recessão já chegou ao Distrito Federal, na avaliação do presidente da Federação do Comércio Sérgio Koffs. A seu ver, o preço da estabilidade econômica do Plano Real é a total falta de crédito, os juros altos, a inadimplência e a queda das vendas. O problema se agrava mais na cidade, porque a economia é predominantemente nos setores de comércio e serviços.

Desde a criação do real, o comércio brasiliense já viu sair das máquinas registradoras 20% de seu faturamento, principalmente no comércio de alimentação. Os cálculos são do presidente da Associação de Supermercados, Wilson Lima, segundo o qual muitos estabelecimentos fecharam suas portas. "Quem resistiu, só está sobrevivendo. Formos engolidos pela recessão", afirma Lima.

Segundo Lima, até mesmo empresas tradicionais estão se vendo obrigadas a comprometer seu patrimônio para continuarem operando. Ele compara o mercado, atualmente, a um avião que precisa de velocidade para continuar voando: "Estamos próximos a viver a mesma situação do empresário paulista, que está vendendo seu patrimônio como um camelo para tentar salvar a empresa".

Aluguéis — E são os pequenos comerciantes os que mais estão sendo atingidos pela crise. Segundo o presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Carnes, Gêneros

Alimentícios, Frutas, Verduras e Plantas, Joaquim Pereira Borges, enquanto as vendas estão "despencando", os pequenos açougues e mercearias, por exemplo, continuam arcando com custos elevados dos aluguéis.

A crise nesse setor está mais grave no Plano Piloto, alerta Borges, onde os aluguéis são mais altos. Embora não disponha de números que sustentem suas afirmações, Borges garante que "a quebradeira" está aumentando. Ele, porém, exime o Plano Real de culpa. Mas acha que a economia deveria ser estabilizada como um todo, sem deixar brechas que aumentem os custos, como os aluguéis.

Juros — Já o presidente do Sindi-varejista, Lázaro Marques, atribui à política de juros altos, com a retirada de dinheiro de circulação, o desaquecimento da economia, que derruba as vendas mês a mês. "Estamos sentindo a crise mais do que em outras cidades porque aqui o cheque especial sempre serviu como um complemento salarial. Com os juros altos, tudo indica que este será o pior ano do comércio de Brasília", reclama.

O retorno do leasing e do crédito direto para compra de veículos não entusiasma o presidente do Sindicato do Comércio de Carros e Peças, Oscar Perné do Carmo, para quem as vendas continuam fracas. Segundo ele, mais de 50 revendas de carros usados fecharam suas portas.